

Caracterização espacial da migração de retorno ao Nordeste: uma análise dos fluxos migratórios intermunicipais nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010

Járvis Campos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -

UFRN

Cristiano Sathler dos Reis, Doutor em Demografia
pelo CEDEPLAR/UFMG.

Douglas Sathler dos Reis

Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e
Mucuri - UFVJM

Resumo

Nas últimas décadas tem se observado importantes transformações na dinâmica migratória, como a drástica redução dos fluxos migratórios inter-regionais com direção ao Sudeste, e a intensificação da migração de retorno, em especial o retorno para a Região Nordeste. Neste contexto, este estudo buscou identificar e mapear os fluxos migratórios quinquenais intermunicipais tendo como destino os municípios do Nordeste e a origem os demais municípios do Brasil, nas últimas duas décadas. Investigam-se ainda os retornados segundo a naturalidade (se retornado ao próprio município ou UF de nascimento) e a hierarquia de tamanho populacional dos municípios de destino. Os resultados mostram a predominância do retorno ao município de nascimento, demonstrando que o fator “ciclo de vida do migrante” possui um peso bem expressivo em relação a outros fatores estruturais mais ligados ao crescimento e ao dinamismo econômico. Porém, observou-se que a proporção de migrantes de retorno para municípios diferentes ao de nascimento é também significativa, e que, neste caso, a migração de retorno ocorre, preferencialmente para municípios de médio e/ou de grande porte populacional. Ademais, os resultados destacam a importância do município de São Paulo como principal origem da migração de retorno para o Nordeste, seguido pelo município do Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Palavras-chave: Migração de Retorno; Fluxos migratórios inter-regionais; Naturalidade da Migração; Hierarquia urbana.

Abstract

In recent decades, important changes have been observed in migration dynamics, such as the drastic reduction of interregional migration flows to the Southeast, and the intensification of return migration, especially the return to the Northeast. In this context, this study aims to identify and map the inter-municipal five-year migratory flows to the municipalities of the Northeast, and the origin in the other municipalities of Brazil, in the last two decades. The returnees are also investigated according to naturalness (if returned to the municipality or state of birth) and the hierarchy of population size of the municipalities of destiny. The results show the predominance of the return to the municipality of birth, demonstrating that the factor "life cycle of the migrant" has a very significant weight in relation to other structural factors, more related to growth and economic dynamism. However, it has been observed that the proportion of return migrants to municipalities other than birth is also significant, and that, in this case, return migration occurs preferably to municipalities of medium and / or large population size. In addition, the results highlight the importance of the municipality of São Paulo as the main source of the return migration to the Northeast, followed by the municipality of Rio de Janeiro and the Federal District.

Keywords: Return migration; Interregional migration flows; Naturality of migration; Urban hierarchy.

jarviscps@gmail.com
cristiano.sathler@gmail.com
doug.sathler@gmail.com

Introdução

A década de 1980 testemunhou importantes transformações na dinâmica migratória e na distribuição espacial da população brasileira. A redução drástica dos fluxos migratórios inter-regionais que tradicionalmente se dirigiam para o Sudeste, e a intensificação dos movimentos de retorno marcaram o início de um novo momento na história da migração do país (CUNHA e BAENINGER, 2001; OLIVEIRA, 2003; CUNHA, 2007; SIQUEIRA et al., 2008; BAPTISTA et al., 2012). Os dados do Censo de 1970 mostram que os fluxos de retorno representavam 11% da migração no Brasil, ao passo que, entre 1980-1991, este percentual aumentou para 24,5%. Já o censo 2000 revelou que, no Brasil, 1.129.694 indivíduos decidiram regressar aos seus estados de origem entre os anos de 1995-2000, representando 21,7% do total migrantes data-fixa nesse período. O censo de 2010, por sua vez, revelou uma pequena queda no total de migrantes data-fixa retornados no país entre 2005-2010, registrando 999.662 indivíduos, ou 21,5% do total de migrantes observados (IBGE, 1970; 1980; 1991; 2000 e 2010).

No Brasil, os três últimos censos revelaram que os retornados constituem uma parte importante do volume total das migrações, contribuindo definitivamente para o fortalecimento e a expansão dos fluxos inter-regionais no país (CARVALHO et al., 2000; FAZITO, 2005; BAPTISTA et al., 2017). A partir dos anos 1980, transformações importantes na estrutura econômica e social brasileira reconfiguraram o panorama migratório no país, favorecendo o movimento de retorno para regiões que, no passado, não apresentavam crescimento significativo da atividade econômica e dos níveis de emprego (ARAÚJO, 2000a; CUNHA e BAENINGER, 2001). Neste contexto, o Nordeste vem se destacando como a região brasileira que possui a maior proporção de retornados interestaduais (BAPTISTA et al., 2012).

Os dados disponibilizados pelos dois últimos censos demográficos revelam que todos os nove estados nordestinos vêm apresentando, entre 1980-2010, uma recuperação significativa das perdas migratórias observadas em décadas anteriores, tendo em vista a redução da emigração e, também, o crescimento da imigração, com destaque para os movimentos de retorno (BAPTISTA et al., 2012). No período 1995-2000, 43,5% do total de imigrantes intermunicipais do Nordeste são de retorno, com destaque para os Estados da Paraíba (49,2%), Ceará (48,2%) e Piauí (46,2%). Por outro lado, no quinquênio 2005-2010 houve uma redução na proporção relativa dos migrantes retornados para o Nordeste (37,5%), com destaque para os valores expressivos observados nos estados do Ceará (43,6%), Paraíba (40,8%) e Piauí (38,9%). Essa ligeira queda entre os quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 pode estar associada à redução geral das migrações observadas entre os censos 2000 e 2010 no Brasil. Apesar disso, estes dados mostram que a migração de retorno continua vigorosa no Nordeste brasileiro (IBGE, 2000; 2010).

De maneira geral, existem três alternativas após a consumação do movimento migratório: o migrante pode se fixar definitivamente no local de destino (inserção), regressar à sua sociedade de origem (reinserção) ou mesmo migrar novamente para um local diferente de sua origem dentro de um período determinado. No retorno, o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal, constituindo um princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações (SAYAD, 2000; BLACK, 2004; FAZITO, 2005; HUNTER, 2011).

As escolhas individuais envolvidas no processo do retorno são indispensáveis na análise dos movimentos migratórios. A literatura clássica

ênfatiza que, de maneira geral, as questões de ordem econômica prevalecem na definição dos movimentos migratórios tendo em vista que, na escala individual ou domiciliar, o indivíduo emigra buscando ampliar seus rendimentos (SJAASTAD, 1962; TODARO, 1969; STARK, 1991; TAYLOR, 1996; CONSTANT e MASSEY, 2002; MASSEY et al., 1993) ou mesmo diversificar as atividades econômicas do domiciliar de origem (TODARO, 1976; TODARO, 1979; TODARO e MARUSZKO, 1987; MASSEY et al., 1993). De um ponto de vista macro, mudanças importantes na estrutura econômica e social na origem ou no destino também podem catalisar fluxos migratórios de retorno, sobretudo numa perspectiva de longo prazo (LEWIS, 1954; RANIS e FEI, 1961; HARRIS e TODARO, 1970; TODARO, 1976).

Na escala do indivíduo ou do domicílio, estudos recentes apontam diversas questões importantes que podem estar associadas aos altos níveis de retornados no Nordeste Brasileiro. O retorno pode estar relacionado à algum equívoco de avaliação quanto às oportunidades no local de destino, o que resulta em frustração no que tange às suas expectativas quanto às melhorias almejadas (STARK e GALOR, 1990; CONSTANT e MASSEY, 2002). Ainda, a migração de retorno não necessariamente está ligada a ideia de fracasso, podendo fazer parte de um planejamento de médio e longo prazo de mudança de residência (MASSEY et al., 1993; CONSTANT e MASSEY, 2002). Assim, primeiro o migrante se posiciona como um trabalhador que acrescentará bens e/ou benefícios no tempo de sua estada fora, para mais adiante, retornar para seu local de origem (COSTA e RIGOTTI, 2008). Ademais, o retorno não ocorre pura e simplesmente por um “sucesso” ou um “fracasso” econômico no mercado de trabalho de destino, mas também se relaciona com o próprio ciclo de vida dos migrantes (BLACK, 2004; COSTA, 2007; FAZITO, 2005; OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005; SAYAD, 2000).

O presente trabalho tem como objetivo analisar o volume e os fluxos migratórios inter-regionais de retorno data-fixa nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 para os municípios do Nordeste, com o intuito de explorar o volume e de compreender o padrão de distribuição espacial dessa parcela de imigrantes. Além da migração de retorno, serão considerados a naturalidade do retornado, bem como o tamanho do município de destino. O presente estudo busca responder as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais os principais eixos da migração de retorno intermunicipal para o Nordeste nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010?
2. Qual o destino preferencial dos retornados nordestinos; próprio município de nascimento ou outros municípios da Unidade da Federação (UF) de nascimento?
3. Qual o volume de retornados que se dirigiram para as cidades de pequeno, médio ou grande porte (em termos de população) no Nordeste?

A metodologia e a base de dados utilizada nas análises empíricas são apresentadas na próxima seção. Mais adiante, os resultados alcançados são apresentados e discutidos. Ao final, apresenta-se as principais conclusões deste estudo.

Método

No presente estudo, as análises empíricas foram construídas com base nos dados sobre migração data-fixa para os quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 disponibilizados pelos Censos de 2000 e 2010. Diante disso, a migração de

retorno, neste trabalho, corresponde à migração de retorno de data-fixa; ou seja, os indivíduos que há cinco anos residiam em município pertencente à outra UF, em relação àquela de nascimento, e, na data de referência do censo, retornaram ao município de nascimento ou a outro município dentro da UF de nascimento. O estudo buscou identificar e mapear os fluxos migratórios quinquenais intermunicipais tendo como destino os municípios do Nordeste e, a origem, os demais municípios do Brasil (exceto a própria região Nordeste). Investiga-se os retornados para o próprio município de nascimento e os retornados para outro município dentro da própria UF de nascimento. Neste estudo, o movimento de retorno para outro município dentro da mesma UF será tratado como “retorno parcial”. Ainda, as análises foram realizadas com base nas seguintes categorias de tamanho populacional dos municípios: população inferior à 50.000 habitantes; população entre 50.000 e 100.000 habitantes; população entre 100.000 e 500.000 habitantes; população entre 500.000 e 1 milhão de habitantes; e municípios com população superior à 1.000.000 de habitantes.

Na etapa de construção dos dados, foram criados duas matrizes migratórias (referentes aos Censos de 2000 e 2010) contendo todos os fluxos intermunicipais, tendo como destino os 1.794 municípios da Região Nordeste e, origem, os 3.771 municípios das demais Grandes Regiões do Brasil. Esses bancos de dados foram subdivididos conforme a naturalidade da migração de retorno e a hierarquia de tamanho populacional dos municípios. O Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (SGBD) Postgree SQL foi utilizado para a criação e organização dos dados, enquanto o PostGis (extensão espacial do Postgree) foi utilizado para a conexão do banco de dados com o QGIS (Sistema de Informação Geográfica utilizado na etapa de mapeamento). A ferramenta Flowmapper (extensão do QGIS) foi utilizada para a elaboração dos fluxos migratórios intermunicipais.

Resultados e discussão

O Brasil tem experimentado uma redução no volume geral das migrações internas, conforme registrado nos dois últimos censos demográficos. Entre os quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 houve uma diminuição de 10,6% nas migrações intermunicipais (de 5.196.087 para 4.643.745), tendência também observada na Região Nordeste (de 1.055.924 para 939.777). No caso da migração de retorno ao Nordeste, nota-se uma diminuição ainda maior no volume, de 23,1% entre os quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 (de 458.959 para 352.738), o que resultou na redução do peso da migração de retorno no total das migrações dessa região para o mesmo período, de 43,5% para 37,5% (IBGE, 2000; IBGE, 2010). Contudo, a migração de retorno continua sendo um fenômeno importante para a compreensão da dinâmica migratória, em especial na Região Nordeste, onde representa mais de um terço das migrações dessa região no último quinquênio (IBGE, 2010).

Na região Nordeste, os censos demonstram a manutenção de antigas trajetórias migratórias, como, por exemplo, a continuidade das perdas líquidas de população da região, cujas taxas líquidas nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010 foram negativas em, respectivamente, 1,79% e 1,44%. Por outro lado, os dois últimos censos também demonstram o crescimento de contra fluxos no Nordeste, com o aumento do peso relativo da migração de retorno inter-regional¹ para a região. No período 1995-2000, 76,2% da migração intermunicipal de retorno

no nordeste tinham como origem municípios de UFs fora da Região Nordeste (349.896), enquanto que, no período 2005-2010, essa proporção aumentou para 81,5% (287.657) (IBGE, 2000; IBGE, 2010).

As Tabelas 1 e 2 apresentam informações sobre migração data-fixa (1995-2000 e 2005-2010) intermunicipal de retorno segundo categorias de destino pré-definidas (município de nascimento, outro município dentro da UF de nascimento e classes de tamanho populacional) e principais origens (Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e outros estados). Considerando o volume total dos fluxos, a origem das migrações é bastante concentrada, com destaque para o Estado de São Paulo (56,4% e 46,8%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), seguido pelo Rio de Janeiro (11,8% e 12,5%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente) e Distrito Federal (5,8% e 7%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), enquanto os demais Estados representam 26% e 33,7%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente.

Nos dois quinquênios avaliados, mais da metade dos migrantes de retorno inter-regional ao Nordeste têm como destino o próprio município de nascimento (54,9% e 61,8%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), tendência em parte definida pelas migrações com origem em São Paulo, cujo retorno ao próprio município de nascimento é de 58,5% e 63,7% para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente, e com tendência similar o Rio de Janeiro (55,2% e 64,6%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente) e o Distrito Federal (60,2% e 65%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente). Vale destacar que somente na categoria “outros Estados”, a proporção do retorno ao próprio município de nascimento representou menos da metade das migrações de retorno inter-regional de data-fixa no quinquênio 1995-2000 (45,7%), enquanto que, em 2005-2010, a proporção registrada foi de 57,4%. Observa-se, assim, um aumento geral do retorno ao próprio município de nascimento entre os dois períodos avaliados neste estudo.

¹A migração de retorno inter-regional, neste trabalho, corresponde à migração de retorno de data-fixa para o Nordeste, mas somente para aqueles que, na data fixa, estavam em Unidades da Federação fora da Região Nordeste.

Tabela 1. Nordeste: Migração data-fixa (1995-2000) intermunicipal de retorno segundo categorias de destino pré-definidas (município de nascimento, outro município da UF de nascimento e classes de tamanho populacional) e principais origens (São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e outras UF's).

Nordeste: Migração de Retorno, por Município e Unidades da Federação de nascimento, por principais Estados de origem e Hierarquia de												
Principais UF's de Origem	Migração de destino (tipo)	Hierarquia dos municípios de destino (hab.)	Unidades da Federação									Total
			Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	
Total (Brasil)	Total		14.385	18.087	36.956	9.283	21.480	27.822	8.101	4.308	51.236	101.967
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	7.226	12.836	23.204	5.662	15.997	14.981	4.679	2.762	22.515	119.861
		50 a 100 mil	1.969	1.647	5.741	500	2.017	5.221	1.021	736	7.811	26.663
		100 a 500 mil	3.154	907	2.559	622	1.828	3.321	875	869	7.463	21.538
		500 mil a 1 milhão	2.036	2.097	0	2.400	1.647	659	1.825	0	0	11.364
		1 milhão e mais	0	0	3.452	0	0	3.640	0	0	3.447	12.830
	TOTAL		21.636	10.278	16.993	9.790	14.113	21.990	7.041	3.201	44.784	187.921
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	9.668	5.136	9.297	3.888	7.278	7.364	3.387	1.510	21.056	68.826
		50 a 100 mil	4.330	915	3.797	894	1.073	3.997	677	568	7.900	24.151
		100 a 500 mil	4.181	513	4.479	1.875	1.881	3.885	770	1.120	11.246	31.754
	500 mil a 1 milhão	3.457	3.709	0	3.323	3.286	2.267	2.207	0	0	18.149	
	1 milhão e mais	0	0	7.380	0	0	2.477	0	0	5.182	16.282	
TOTAL		3.6021	28.362	67.049	19.673	35.607	49.812	15.442	7.510	96.030	349.891	
São Paulo	Total		2.377	10.479	19.361	4.553	11.721	20.489	6.634	2.994	36.732	115.341
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	1.140	8.008	12.027	3.134	9.054	12.048	3.834	2.172	24.839	76.405
		50 a 100 mil	162	1.204	2.685	248	1.266	3.766	825	524	5.646	17.330
		100 a 500 mil	626	179	1.610	311	384	2.341	658	288	4.940	11.737
		500 mil a 1 milhão	440	993	0	860	517	467	1.257	0	0	4.579
		1 milhão e mais	0	0	2.059	0	0	1.837	0	0	1.407	5.283
	TOTAL		2.876	9.086	12.714	4.771	6.443	16.692	6.181	2.103	27.488	81.993
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	978	3.047	4.413	2.004	3.444	5.716	2.446	1.118	12.657	36.823
		50 a 100 mil	439	608	2.353	420	355	2.830	438	388	4.292	12.693
		100 a 500 mil	621	97	1.043	62	380	3.707	646	597	6.020	17.622
	500 mil a 1 milhão	537	1.034	0	1.305	1.314	1.304	1.571	0	0	8.055	
	1 milhão e mais	0	0	2.305	0	0	1.425	0	0	2.380	7.310	
TOTAL		4.962	16.165	22.978	9.324	18.164	36.491	11.785	5.097	64.199	197.241	
Rio de Janeiro	Total		1.004	708	6.326	1.777	5.607	2.708	564	559	3.318	22.771
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	376	207	4.092	715	4.261	883	223	169	1.132	13.642
		50 a 100 mil	22	119	375	133	445	530	61	90	295	2.086
		100 a 500 mil	170	119	175	49	540	260	40	297	686	2.336
		500 mil a 1 milhão	436	173	0	680	560	64	240	0	0	2.363
		1 milhão e mais	0	0	784	0	0	905	0	0	1.203	2.954
	TOTAL		1.274	447	3.637	1.951	4.712	2.352	528	527	3.014	18.417
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	282	215	1.820	600	2.355	463	214	13	990	6.740
		50 a 100 mil	278	8	253	187	501	396	57	62	432	2.172
		100 a 500 mil	188	24	318	338	717	753	44	382	801	3.886
	500 mil a 1 milhão	525	195	0	817	1.149	365	213	0	0	3.264	
	1 milhão e mais	0	0	1.196	0	0	375	0	0	1.115	2.686	
TOTAL		2.278	1.160	9.963	3.728	10.829	6.060	1.692	1.086	6.332	42.218	
Distrito Federal	Total		1.270	2.994	2.776	687	1.433	686	209	114	2.890	12.248
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	609	1.854	1.633	354	1.065	264	54	44	1.339	7.356
		50 a 100 mil	97	210	454	9	109	110	27	0	148	1.173
		100 a 500 mil	348	297	207	80	158	86	17	70	211	1.404
		500 mil a 1 milhão	216	683	0	244	161	16	111	0	0	1.431
		1 milhão e mais	0	0	462	0	0	220	0	0	182	884
	TOTAL		1.305	1.497	1.569	545	983	504	40	49	1.612	8.100
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	445	790	597	180	480	94	31	31	851	3.488
		50 a 100 mil	153	36	279	33	147	80	0	0	221	988
		100 a 500 mil	370	294	262	33	94	156	0	18	350	1.627
	500 mil a 1 milhão	337	467	0	289	258	63	0	0	0	1.424	
	1 milhão e mais	0	0	422	0	0	121	0	0	180	733	
TOTAL		2.575	4.491	4.336	1.232	1.411	1.186	240	163	3.692	20.348	
Outras Unidades	Total		9.734	3.906	8.493	2.266	1.828	3.940	994	641	9.106	41.698
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	5.092	2.587	4.552	1.459	1.677	1.786	518	384	5.005	23.690
		50 a 100 mil	1.688	114	1.227	170	195	300	108	103	1.722	6.068
		100 a 500 mil	2.010	382	367	182	245	654	180	154	1.705	6.061
		500 mil a 1 milhão	944	893	0	515	400	32	208	0	0	3.001
		1 milhão e mais	0	0	2.167	0	0	618	0	0	652	3.433
	TOTAL		1.6482	2.660	7.182	2.623	1.966	4.132	1.322	623	12.700	49.479
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	7.680	1.126	3.777	1.095	980	1.101	696	278	5.882	21.595
		50 a 100 mil	3.462	263	912	254	170	671	123	118	2.355	8.328
		100 a 500 mil	3.002	148	1.236	352	240	1.289	80	127	3.188	9.620
	500 mil a 1 milhão	2.058	1.113	0	822	565	525	423	0	0	6.516	
	1 milhão e mais	0	0	2.657	0	0	556	0	0	1.287	4.510	
TOTAL		2.6216	6.556	15.675	4.789	4.493	8.972	2.316	1.164	21.866	91.687	

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Elaboração própria.

Tabela 2. Nordeste: Migração data-fixa (2005-2010) intermunicipal de retorno segundo categorias de destino pré-definidas (município de nascimento, outro município dentro da UF de nascimento e classes de tamanho populacional) e principais origens (São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e outras UF's)

Nordeste: Migração de Retorno, por Município e Unidade da Federação de nascimento, por principais Estados de origem e Hierarquia												
Principais UF's de Origem	Migração de retorno (tipo)	Hierarquia dos municípios de destino (hab.)	Unidades da Federação								Total	
			Maranhão	Piauí	Ceará	Goá do Norte	Paraná	Pernambuco	Alagoas	Sergipe		Bahia
Total (Brasil)	Total		18.731	15.580	18.733	8.078	19.058	21.301	8.965	5.071	48.020	177.710
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	8.101	10.112	15.011	4.471	12.588	11.107	4.821	2.701	28.487	97.530
		50 a 100 mil	3.749	1.419	5.678	689	1.800	4.448	1.153	981	6.962	18.879
		100 a 500 mil	4.276	1.316	2.686	740	2.359	3.915	696	127	7.951	23.960
		500 mil a 1 milhão	0	2.733	0	2.778	2.331	938	2.285	1.860	1.083	14.038
		1 milhão e mais	2.515	0	5.338	0	0	3.785	0	0	3.057	15.316
		Total	17.112	6.610	12.871	6.317	10.172	14.420	5.421	2.976	33.596	109.017
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	8.850	3.252	4.501	2.035	4.328	4.051	2.530	972	15.596	48.693
		50 a 100 mil	2.638	710	2.905	524	1.215	2.571	602	422	4.952	18.039
		100 a 500 mil	3.038	508	2.127	1.550	1.444	4.039	531	491	9.371	23.899
	500 mil a 1 milhão	0	2.149	0	2.218	3.187	1.334	1.671	1.091	1.284	12.934	
	1 milhão e mais	2.388	0	3.248	0	0	1.525	0	0	3.153	10.352	
	TOTAL	35.943	21.190	41.604	15.005	29.130	38.721	14.330	8.617	81.016	257.657	
São Paulo	Total		2.918	7.107	12.118	8.279	8.361	14.984	8.773	2.918	28.186	68.810
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	1.266	5.146	6.597	2.163	6.008	8.237	3.415	1.821	18.622	63.266
		50 a 100 mil	455	859	2.876	218	706	2.971	682	537	4.646	13.970
		100 a 500 mil	636	286	1.252	354	768	2.284	467	65	5.107	9.119
		500 mil a 1 milhão	0	876	0	644	790	451	1.200	435	477	4.941
		1 milhão e mais	561	0	1.490	0	0	1.041	0	0	1.333	4.425
		Total	1.922	2.877	8.707	2.428	4.141	9.078	3.439	1.484	18.118	43.833
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	897	1.468	1.906	814	1.835	3.758	1.589	646	9.128	22.101
		50 a 100 mil	97	356	1.589	202	546	1.820	296	197	2.635	7.738
		100 a 500 mil	440	47	1.022	726	573	2.227	395	198	4.204	9.829
	500 mil a 1 milhão	0	706	0	683	1.185	721	1.150	448	617	5.519	
	1 milhão e mais	428	0	1.100	0	0	247	0	0	1.531	3.096	
	TOTAL	4.840	9.744	17.922	6.704	12.692	24.067	9.212	4.412	46.290	124.693	
Rio de Janeiro	Total		1.166	811	6.110	2.187	6.596	2.246	633	669	3.748	23.268
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	298	281	3.818	892	4.130	881	304	190	1.144	12.607
		50 a 100 mil	177	91	300	161	723	261	91	132	334	2.350
		100 a 500 mil	174	103	187	49	873	333	80	10	948	2.825
		500 mil a 1 milhão	0	246	0	1.051	840	0	178	299	201	2.818
		1 milhão e mais	516	0	745	0	0	871	0	0	1.126	3.268
		Total	614	251	2.295	1.397	3.351	1.308	347	643	2.540	12.747
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	154	35	1.407	445	1.594	264	78	112	352	4.991
		50 a 100 mil	92	20	158	139	419	207	94	58	180	1.367
		100 a 500 mil	148	21	270	131	477	302	33	101	917	2.000
	500 mil a 1 milhão	0	126	0	682	861	139	142	172	178	2.820	
	1 milhão e mais	220	0	460	0	0	176	0	0	413	1.269	
	TOTAL	1.779	1.063	7.405	3.584	9.446	3.654	980	1.303	6.288	36.002	
Distrito Federal	Total		2.413	3.100	2.130	458	1.003	943	183	310	2.471	13.090
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	944	2.148	843	257	704	173	24	45	1.074	6.812
		50 a 100 mil	474	213	511	0	30	189	36	0	207	1.064
		100 a 500 mil	571	384	296	36	174	23	7	0	397	1.898
		500 mil a 1 milhão	0	426	0	165	95	139	126	245	55	1.291
		1 milhão e mais	424	0	478	0	0	333	0	0	138	1.425
		Total	1.312	1.508	910	417	691	529	58	71	1.542	7.038
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	468	912	231	132	238	119	0	27	748	2.890
		50 a 100 mil	184	114	221	27	78	57	0	0	151	841
		100 a 500 mil	343	205	171	74	35	171	0	18	538	1.666
	500 mil a 1 milhão	0	277	0	184	323	82	33	26	0	947	
	1 milhão e mais	517	0	277	0	0	100	0	0	110	801	
	TOTAL	3.725	4.677	3.040	875	1.697	1.472	248	381	4.013	19.128	
Outras Unidades	Total		12.136	4.433	9.278	2.764	3.089	6.031	2.366	1.773	13.610	66.888
	Retorno para o município de nascimento	Até 50 mil	5.682	2.539	2.751	1.139	1.617	1.906	1.078	645	7.027	26.366
		50 a 100 mil	2.645	256	1.931	310	341	1.023	344	272	1.775	8.896
		100 a 500 mil	2.885	453	951	407	544	1.265	164	43	3.404	10.126
		500 mil a 1 milhão	0	1.185	0	813	597	348	780	813	320	4.901
		1 milhão e mais	1.014	0	2.945	0	0	1.439	0	0	1.080	6.208
		Total	13.394	2.282	3.989	2.053	1.986	3.610	1.983	778	11.699	41.249
	Retorno para a Unidade da Federação de nascimento	Até 50 mil	6.771	787	1.047	644	619	810	933	187	4.873	16.711
		50 a 100 mil	2.265	220	927	156	172	487	212	167	1.436	6.092
		100 a 500 mil	2.607	235	664	619	537	1.139	169	179	3.712	9.915
	500 mil a 1 milhão	0	1.040	0	669	816	372	315	245	480	3.948	
	1 milhão e mais	1.921	0	1.321	0	0	702	0	0	1.139	4.883	
	TOTAL	26.699	6.716	13.237	4.842	6.086	9.641	3.949	2.661	26.216	96.834	

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Elaboração própria.

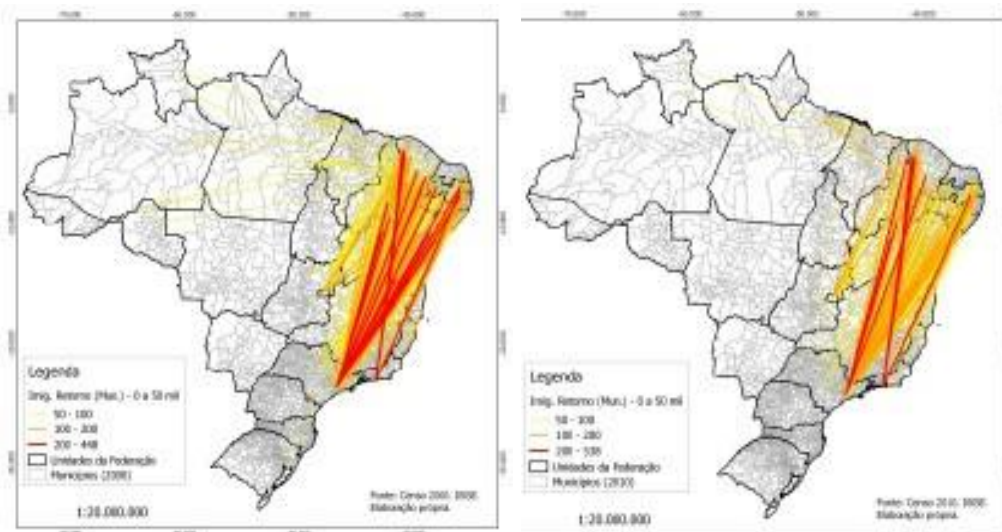
Ademais, a maioria dos retornados têm como destino municípios pequenos e médios, com até 50 mil habitantes (53,8% e 50,1%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), o que reflete a importância das perdas populacionais no passado, de áreas estagnadas do interior (semiárido) nordestino, marcadas por municípios de baixo contingente populacional. Enquanto a migração de retorno inter-regional no Nordeste, tendo como origem o Estado de São Paulo, apresentou uma elevada proporção de retornados em municípios com até 50 mil habitantes (57,4% e 56%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), e seguido pelo Distrito Federal (53,1% e 48,2%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente) e Rio de Janeiro (48% e 47,2%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), os demais Estados apresentaram uma menor proporção de retornados para municípios pequenos (48,9% e 43,5%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente)

Nos municípios com população superior à 100 mil habitantes (municípios médios ou grandes), o peso do retorno parcial é significativamente maior (41,3% e 42,9% para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente) em comparação com os retornados ao próprio município de nascimento (23,7% e 30%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente). Isso sugere que existe uma dinâmica migratória de retorno notadamente diferente entre municípios de diferentes portes populacionais no Nordeste. Cabe ressaltar que, mesmo diante do significativo peso dos movimentos de retorno observado nos municípios com mais de 100 mil habitantes e da evidente concentração do retorno parcial nestes municípios, no total, os fluxos direcionados ao município de nascimento ainda se sobrepõe ao contingente total de retornados nos períodos avaliados.

A Figura 1 mostra que grande parte desses fluxos tem como origem o município de São Paulo. Já o Estado de São Paulo representa 63,7% e 54,7% do total, respectivamente, nos dois quinquênios avaliados, e cujo destino é pulverizado em todos os Estados do Nordeste. Diferentemente, os migrantes retornados do Rio de Janeiro, nos dois períodos analisados, tiveram como destino principal a Paraíba e o Ceará.

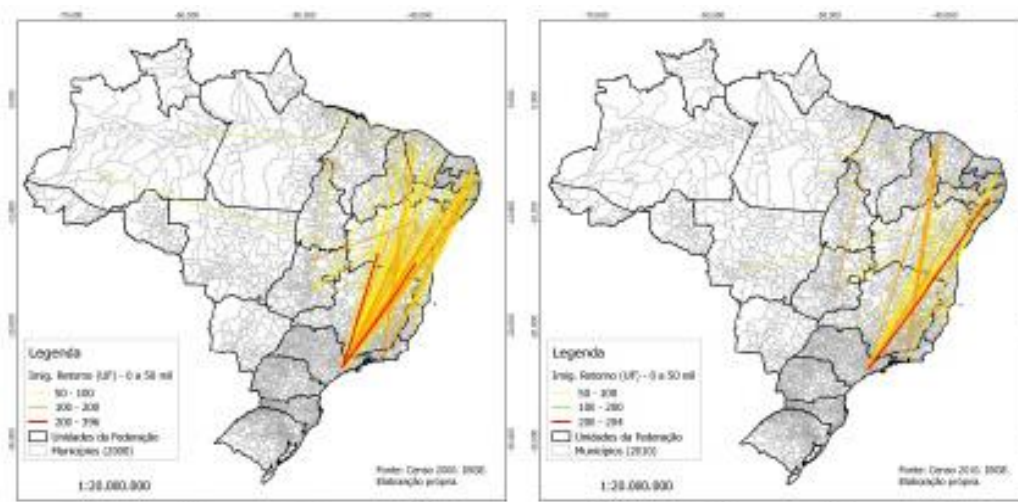
Dentre os principais destinos das correntes migratórias identificadas na Figura 1, vale destacar, para ambos os quinquênios, um grupo de municípios nas regiões Norte e Nordeste da Bahia, além de municípios vizinhos na porção Oeste do Estado do Ceará e Norte do Piauí, sendo os principais: Guaraciaba do Norte, Ipu, Ipueiras, Pedro II. Nota-se também um conjunto de municípios no agreste nordestino, em especial nos Estados de Pernambuco e Paraíba.

Quando se considera a migração inter-regional de retorno de data fixa para a Unidade da Federação de nascimento (mas não para o próprio município), pode-se verificar, entre os períodos avaliados, uma redução de 45,1% para 38,2% em relação ao total de migrações inter-regionais. De acordo com a Figura 2, no quinquênio 1995-2000, destacam-se municípios de destino no interior da Bahia, especialmente na região sul do Estado, como é o caso dos municípios de Poções e Serra do Ramalho. Já no quinquênio 2005-2010, não se observa grandes concentrações espaciais nos fluxos migratórios, destacando apenas o município de Lajedo (PE).



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 1. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para municípios de nascimento do Nordeste com até 50 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

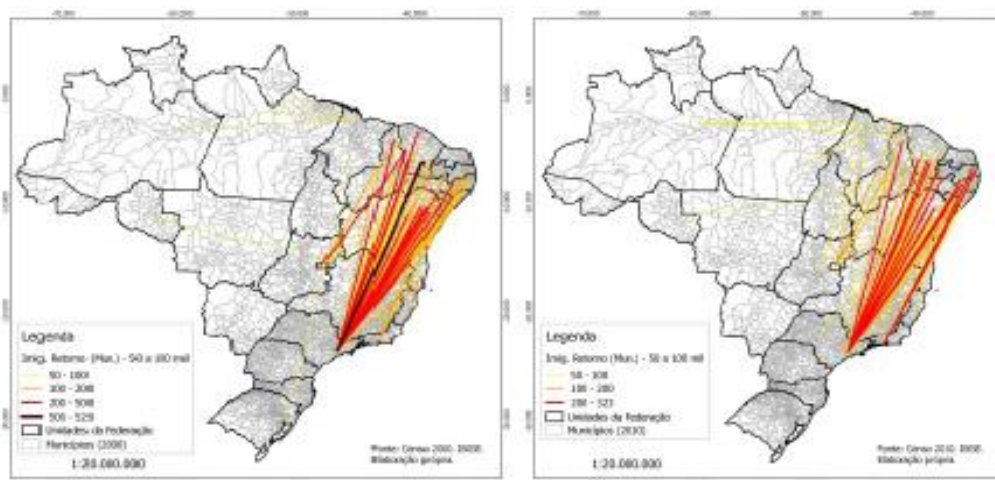
Figura 2. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para outros municípios da UF de nascimento do Nordeste com até 50 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

As migrações de retorno de data-fixa para municípios entre 50 e 100 mil habitantes, correspondem a 14,5% e 14,9% do total das migrações intermunicipais para o Nordeste, nos dois quinquênios avaliados. A Figura 3 apresenta os fluxos migratórios para estes municípios de destino (50 a 100 mil habitantes), para os retornados ao próprio município de nascimento, nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. São Paulo novamente é origem de grande parte do retorno inter-regional (para o próprio município de nascimento) no Nordeste (65%), sendo que 70,4% e 63,6% desses migrantes têm como destino os Estados do Ceará (principalmente na porção oeste do Estado), Pernambuco e a Bahia (principalmente na porção nordeste), nos dois quinquênios, respectivamente.

Ainda na Figura 3, observa-se um importante fluxo de retorno entre 1995-2000 para o município de Iguatú, localizado ao sul do Ceará, e tendo como

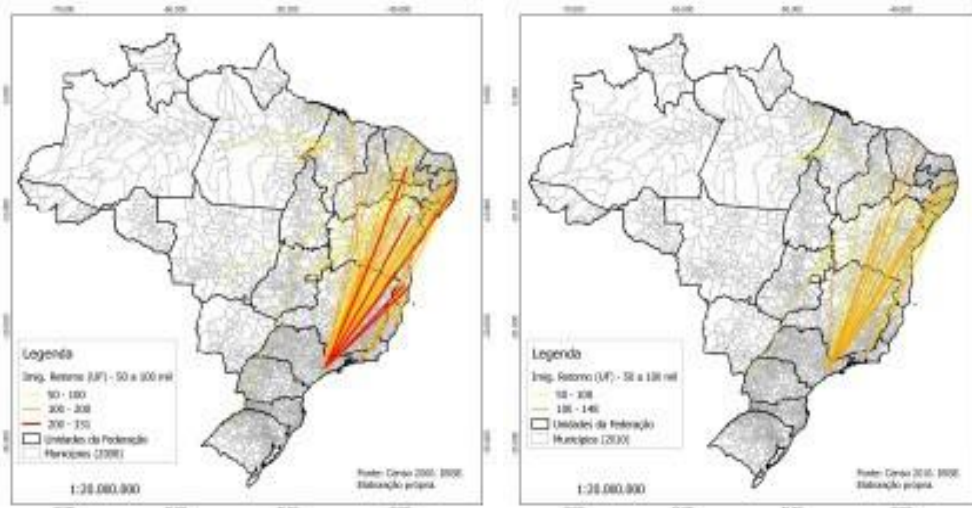
origem o município de São Paulo. Ademais, destacam-se, nos dois quinquênios, fluxos de retorno para o próprio município de nascimento (entre 50 e 100 mil) para as regiões do sul do Ceará, nordeste da Bahia, e, de maneira mais geral, numa grande quantidade de municípios interioranos, que remetem à origem do processo emigratório da Região Nordeste no passado, a exemplo do que foi observado nas Figuras 1 e 2.

A Figura 4 apresenta os fluxos migratórios de retorno intermunicipal (para a UF de nascimento) no Nordeste, e para municípios entre 50 e 100 mil habitantes, nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. Somente 15,3% (em 1995-2000) e 14,6% (em 2005-2010) dos retornados parciais do Nordeste, tem como destino municípios dessa hierarquia populacional. A redução no volume das migrações, no período em análise, modifica visualmente os dois cartogramas, pois, no segundo período, não se observa fluxos migratórios acima de 200 pessoas, o que resulta numa aparente distribuição desconcentrada das migrações de retorno (enquanto São Paulo continua sendo a principal origem). Porém, nos dois quinquênios avaliados, o Estado da Bahia foi responsável por, respectivamente, 30,2% e 27,8% das migrações de retorno parcial para o Nordeste, em municípios entre 50 e 100 mil habitantes. No entanto, esse retorno “concentrado” novamente na Bahia, não surpreende, pois, como já fora comentado, este Estado apresentou um maior volume de emigrantes nas últimas décadas, em comparação com as demais UFs do Nordeste. Ademais, é importante destacar, nos dois quinquênios, a existência de alguns municípios pertencentes a regiões metropolitanas (em especial de Salvador e Fortaleza), o que sugere a busca por oportunidades de trabalho associada a custos mais razoáveis de moradia para aqueles que não retornam ao próprio município de nascimento.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 3. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para municípios de nascimento do Nordeste com população entre 50 mil e 100 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 4. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para outros municípios da UF de nascimento do Nordeste com população entre 50 mil e 100 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

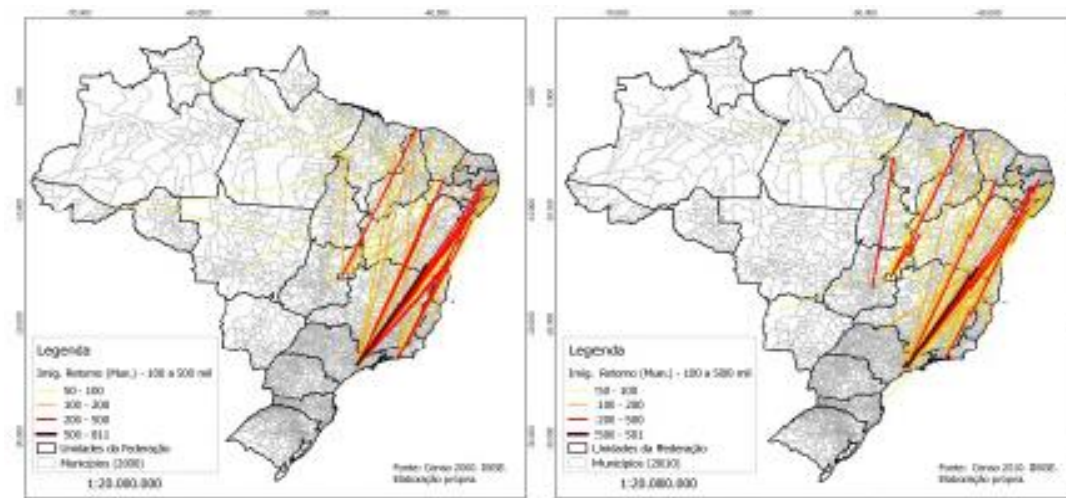
As Figuras 5 e 6 apresentam os fluxos migratórios de retorno intermunicipais para o Nordeste, considerando o próprio município de nascimento (Figura 5) e outros municípios dentro da UF de nascimento (Figura 6) que possuem estoque populacional entre 100 mil e 500 mil habitantes, nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. Os fluxos migratórios com destino municípios entre 100 e 500 mil habitantes representam 15,2% e 16,6% da migração de retorno para a Região Nordeste, dos quais 59,6% e 49,9% desse montante são retornados parciais (respectivamente aos dois quinquênios). Enquanto os municípios entre 100 e 500 mil habitantes representavam 11,2% e 13,5% do volume total de retornados naturais do município, para os períodos avaliados, respectivamente, o peso dos municípios entre 100 e 500 mil habitantes aumenta para 20,1% e 21,7% no volume de retornados parciais.

Vale destacar o pequeno número de municípios com este contingente populacional (apenas 47 dos 1.794 municípios nordestinos), no qual se destacam a prevalência de São Paulo como origem, e tendo a Bahia como principal destino. Vitória da Conquista, por exemplo, foi o principal destino em volume, nos dois períodos; além de outras regiões do Estado, como Itabuna e Ilhéus, que apresentaram importantes fluxos de retorno e que, conforme a literatura, são regiões marcadas pela estagnação econômica (NORONHA, 2006; FRANCO et al., 2016).

No caso dos fluxos de retornados parciais para municípios entre 100 e 500 mil habitantes (Figura 6), destacam-se, como destinos privilegiados, municípios metropolitanos, como Paulista (PE), Parnamirim (RN), Caucaia e Maracanaú (CE), evidenciando mais uma vez um padrão de distribuição espacial já explorado nas figuras anteriores. Contudo, os fluxos de maior magnitude ocorreram em direção às cidades médias distantes das capitais, como é o caso de Juazeiro do Norte (CE) e Feira de Santana (BA), no quinquênio 1995-2000, e Vitória da Conquista (BA) nos dois quinquênios.

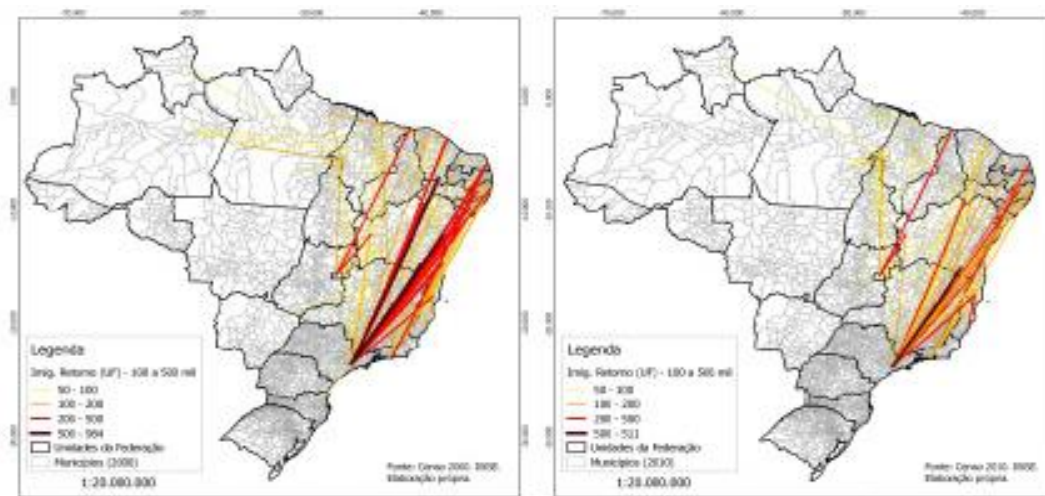
Ademais, nos dois períodos avaliados, um conjunto de municípios do agreste nordestino, nos Estados de Alagoas (ex. Arapiraca), Pernambuco (ex. Caruarú e Garanhuns) e Paraíba (Campina Grande), formam um eixo bem definido

de retorno, tendo como origem os municípios do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente. Chama a atenção um conjunto de fluxos de elevada magnitude (acima de 200 pessoas) que suscita à existência de redes migratórias bem definidas em Barreiras, no oeste da Bahia, e Parnaíba, no Piauí, e tendo origem o Distrito Federal.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 5. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para municípios de nascimento do Nordeste com população entre 100 mil e 500 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)



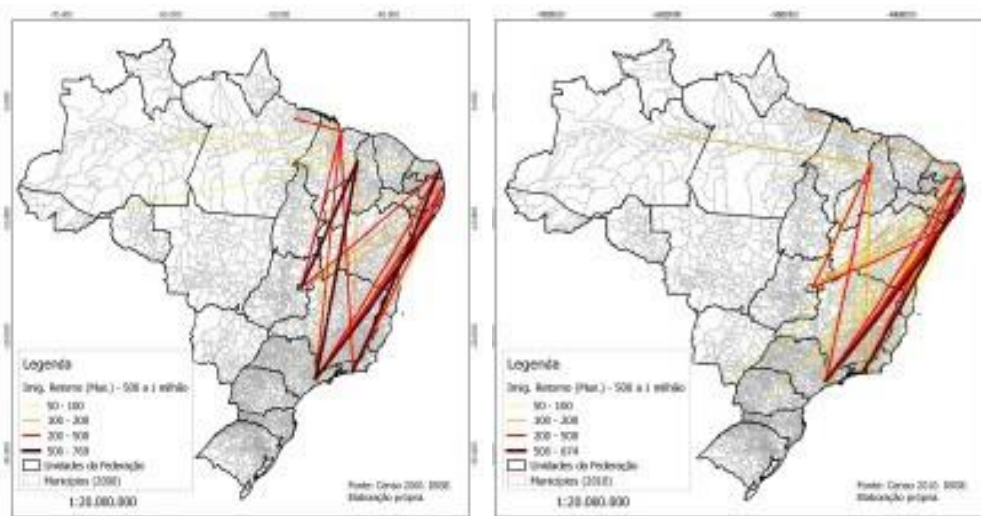
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 6. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para outros municípios da UF de nascimento do Nordeste com população entre 100 mil e 500 mil habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

As Figuras 7 e 8 apresentam os fluxos migratórios de retorno no Nordeste, para o próprio município de nascimento (Figura 7) e para outro município dentro da UF de nascimento (Figura 8), considerando municípios de destino com tamanho populacional entre 500 mil e 1 milhão de habitantes, nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. O padrão é similar nos dois períodos conforme o status de naturalidade no retorno. Enquanto o município de São Paulo é conectado com

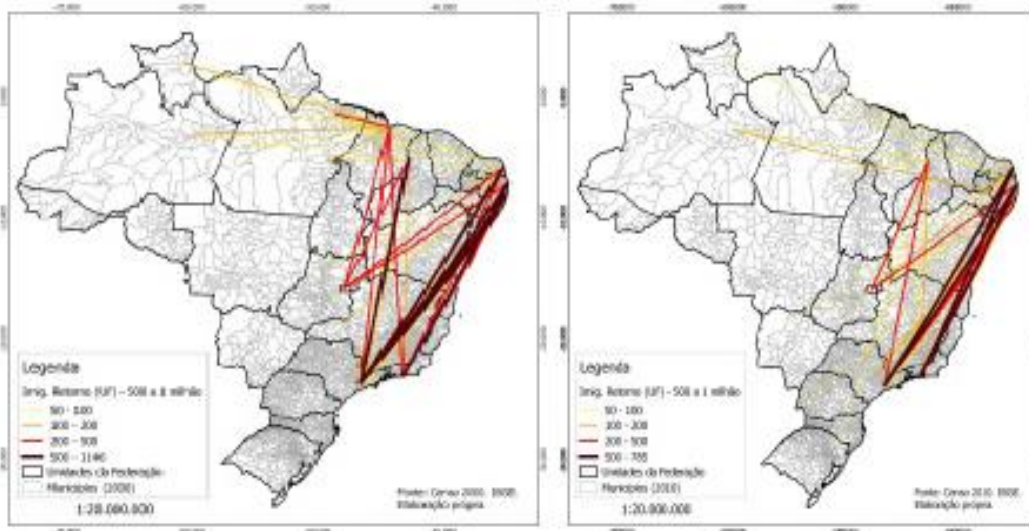
fluxos migratórios para todos os municípios nos dois períodos, o município do Rio de Janeiro apresenta fluxos importantes com municípios da porção Leste da Região Nordeste, com destaque para João Pessoa (PB) e Natal (RN). Por sua vez, o Distrito Federal é origem de importantes fluxos de retorno com destino na porção Oeste do Nordeste, mais especificamente, os municípios de Teresina (PI), em ambos os períodos avaliados, e São Luís (MA), no quinquênio 1995-2000.

As regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro correspondem a 42,4% do total da migração de retorno para os municípios entre 500 mil e 1 milhão de habitantes, no quinquênio 1995-2000; essa proporção aumenta para 48,5% no quinquênio 2005-2010. Essas migrações, relacionadas às cidades litorâneas da porção Leste da Região Nordeste (como fora comentado) estão provavelmente vinculadas a oportunidades econômicas, dado que, nos dois quinquênios, os poucos municípios entre 500 mil e 1 milhão de habitantes representavam pouco mais de 11% do total de retornados parciais, (contra 5,9% em 2000 e 7,9% em 2010, de retornados naturais do município).



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 7. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para municípios de nascimento do Nordeste com população entre 500 mil e 1 milhão de habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

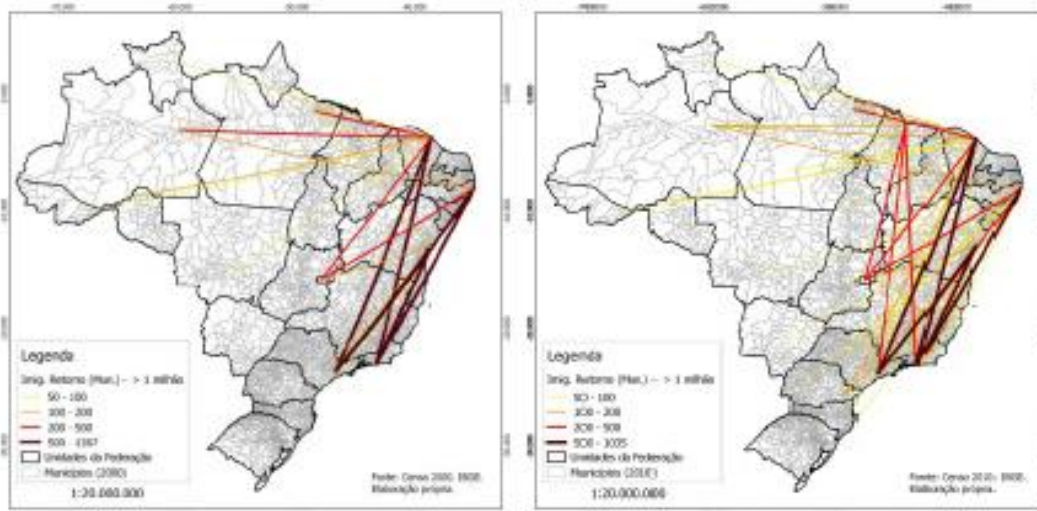


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 8. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para outros municípios da UF de nascimento do Nordeste com população entre 500 mil e 1 milhão de habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

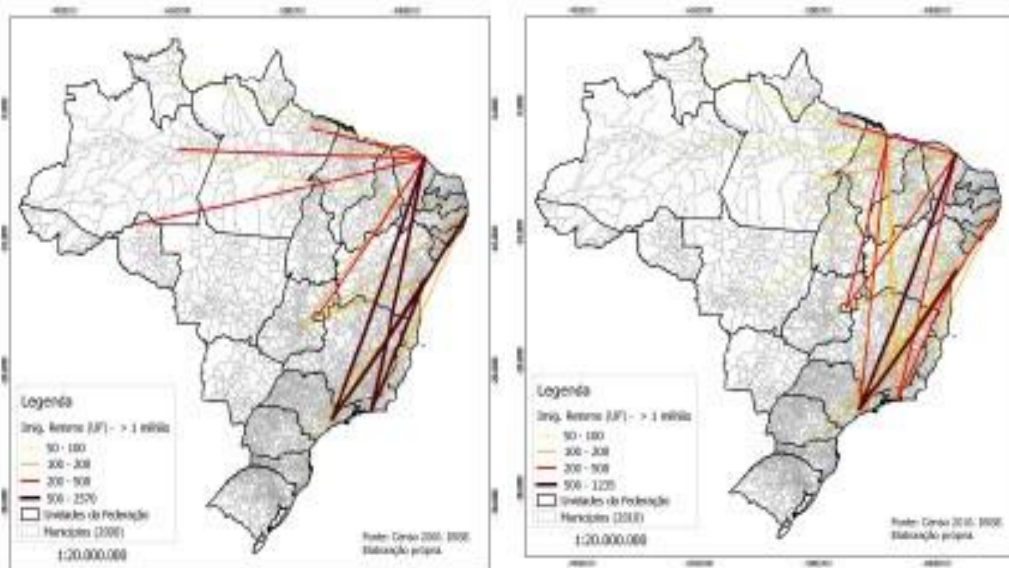
As Figuras 9 e 10 apresentam os fluxos migratórios de retorno no Nordeste, para o próprio município de nascimento (Figura 9) e para a UF de nascimento (Figura 10), considerando os municípios de destino com população acima de 1 milhão de habitantes nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. Apenas três municípios apresentaram este tamanho populacional em 2000, e quatro em 2010 (com a inclusão de São Luís, Maranhão): Salvador (31,1% e 26,7%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), Recife (22% e 20,7%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), Fortaleza (46,9% e 33,5%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente) e São Luís (19,1%, para 1995-2000 e 2005-2010, respectivamente), cujas proporções representam o volume total de retornados inter-regionais para municípios acima de 1 milhão de habitantes, nos dois quinquênios. A maior parte destes migrantes são retornados parciais no quinquênio 1995-2000 (54,9%), proporção que muda significativamente quinquênio 2005-2010 (40,3%). Novamente, os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro (ambos através de suas respectivas capitais) e Distrito Federal foram origens de 71,5% e 58%, do total de retornados inter-regionais para municípios com mais de 1 milhão de habitantes, nos dois períodos avaliados, respectivamente.

Os fluxos de retorno para o próprio município ou para outro município do Estado de nascimento (retorno parcial) apresentam um padrão espacial similar para os dois períodos avaliados. Rio de Janeiro e principalmente São Paulo apresentam forte conexão com todas as capitais, do ponto de vista da avaliação dos retornados, considerando os dois períodos e os dois tipos avaliados de retorno. O Distrito Federal, assim como nas demais hierarquias dos municípios de destino, apresenta fluxos mais importantes com Fortaleza (CE), mas, principalmente, com São Luís do Maranhão.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 9. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para municípios de nascimento do Nordeste com população superior a 1 milhão de habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração própria.

Figura 10. Migração intermunicipal de retorno data-fixa proveniente de outras regiões do país para outros municípios da UF de nascimento do Nordeste com população superior a 1 milhão de habitantes: 1995-2000 (esquerda) e 2005-2010 (direita)

O aumento do retorno no Nordeste nos anos 2000s está muito associado ao ciclo de vida do migrante e às mudanças estruturais recentes que conferiram maior competitividade e dinamismo econômico ao Nordeste (ARAÚJO, 2000a; CUNHA e BAENINGER, 2001). Segundo Araújo (2000a), o movimento maciço de trabalhadores e famílias nos anos 1960 e 1970 do Nordeste para São Paulo, Rio de Janeiro e demais estados do Brasil geraram uma geração de aposentados, ou de trabalhadores que já atingiram determinados objetivos financeiros, dispostos a retornarem ao município ou à região de origem, sobretudo diante da queda da

renda com a aposentadoria e os custos elevados de moradia, principalmente no Sudeste do país.

Tendo em vista que o crescimento econômico no Nordeste é concentrado, sobretudo nas cidades de maior porte populacional (como Salvador, Recife e Fortaleza), os resultados deste estudo (predominância do retorno ao local de nascimento) sugerem que, nos municípios com menor estoque demográfico, o fator “ciclo de vida do migrante” possui um peso bem expressivo em relação a outros fatores estruturais mais ligados ao crescimento e ao dinamismo econômico da região. Isso não ocorre nos municípios com população superior à 100 mil habitantes, em que fatores associados ao desenvolvimento e ao crescimento econômico provavelmente se sobrepõem às questões relacionadas ao ciclo de vida do migrante.

Ademais, os resultados destacam a importância do município de São Paulo como principal origem da migração de retorno para o Nordeste, seguido pelo município do Rio de Janeiro e Distrito Federal. Essas origens, por sua vez, apresentam seletividades nos fluxos migratórios, que podem estar associados com redes de migração, como é o caso do retorno (importante em volume) com origem em São Paulo e destino no interior da Bahia e, de forma mais geral, no semiárido nordestino; os fluxos de retorno com origem no Rio de Janeiro e tendo como destino o litoral, especialmente da Paraíba e Pernambuco; e importantes fluxos de retornados entre Distrito Federal e municípios da porção oeste da Região Nordeste, em especial os Estados do Maranhão e Piauí.

Em relação à naturalidade, observa-se a prevalência da migração de retorno inter-regional para o próprio município de nascimento, sendo que a maioria dos retornados tem como destino municípios pequenos, com até 50 mil habitantes, o que reflete a importância das perdas populacionais no passado, de áreas estagnadas do interior (semiárido) nordestino, marcadas por municípios de baixo contingente populacional. Porém, foi possível observar que a proporção de migrantes de retorno parcial é também significativa, e que, neste caso, a migração de retorno ocorre, preferencialmente para municípios de médio e/ou de grande porte populacional.

Um dos desafios recentes na agenda internacional dos estudos sobre mobilidade é a necessidade de associação dos fenômenos migratórios com o desenvolvimento, bem como os fatores causais subjacentes às migrações (DE HAAS, 2010). Nesse sentido, algumas questões podem ser levantadas, como possíveis relações entre o retorno ao próprio município de nascimento e a melhoria nas condições de vida local, como, por exemplo, o aumento dos programas de transferência de renda no Nordeste, especialmente nos municípios mais pobres, e que foram, por sua vez, a origem de grande parte dos emigrantes no passado (SIQUEIRA et al., 2008). Já o importante volume de retornados parciais, pode estar associado a fatores econômicos no destino, tais como a expansão do polo petroquímico de Camaçari, o polo têxtil de Fortaleza, o complexo mineiro-metalúrgico de Carajás, o polo agroindustrial de Petrolina/Juazeiro, entre outros (ARAÚJO, 2000b).

Considerações finais

Historicamente, a migração de retorno ao Nordeste é consequência das tendências históricas de perdas líquidas de população dessa região, que ao longo

de décadas atuou como reservatório de mão de obra para regiões economicamente desenvolvidas, em especial para o município de São Paulo (QUEIROZ, 2013). Mais recentemente, em paralelo à redução das perdas populacionais, o presente estudo demonstra que a região Nordeste tem apresentado, conforme informações extraídas nos dois últimos censos, contingentes vigorosos de imigrantes de retorno, fenômeno este que tem se tornado uma das tendências mais importantes da dinâmica migratória e da redistribuição espacial da população brasileira.

Nesse contexto, este trabalho buscou aprofundar a análise da migração de retorno no Nordeste, a partir de uma perspectiva espacial, buscando uma melhor compreensão de como os fluxos migratórios de retorno impactam a dinâmica de redistribuição espacial da população no Nordeste. Nesse sentido, o estudo apresentou o resultado da construção de matrizes migratórias e da espacialização das informações no nível municipal segundo a hierarquia dos municípios de destino e status de naturalidade do retorno.

Os resultados demonstram a predominância do retorno ao município de nascimento, demonstrando que o fator “ciclo de vida do migrante” possui um peso bem expressivo em relação a outros fatores estruturais mais ligados ao crescimento e ao dinamismo econômico. Porém, observou-se que a proporção de migrantes de retorno para municípios diferentes ao de nascimento é também significativa, e que, neste caso, a migração de retorno ocorre, preferencialmente, para municípios de médio e/ou de grande porte populacional. Ademais, os resultados destacam a importância do município de São Paulo como principal origem da migração de retorno para o Nordeste, seguido pelo município do Rio de Janeiro e Distrito Federal. Essas origens, por sua vez, apresentam seletividades nos fluxos migratórios, que podem estar associados com redes de migração.

Ao final, a partir desta identificação do padrão espacial geral dos fluxos migratórios intermunicipais de retorno ao Nordeste, estudos futuros poderão investigar o perfil do retornado e, conseqüentemente, os fatores causais associados a este fenômeno.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, T.B. Industrialização do Nordeste: Intenções e resultados. In: *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000a. p. 143- 154.

ARAÚJO, T.B. Nordeste, Nordestes, que Nordeste In: *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000b. p. 165-196.

BAENINGER, R. Novos Espaços da Migração no Brasil: Anos 80 e 90...In: *XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 2000, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2000.

BAPTISTA, E. A., CAMPOS, J., RIGOTTI, J. I. R. Migração de retorno no Brasil nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010. In: *XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. ABEP, Aguas de Lindóia, 2012.

BLACK, Richard; KING, Russel. Editorial introduction: migration, return and development in West Africa. *Population, Space and Place*, v. 10, n. 2, 2004, p. 75-83.

BRITO, F., RIGOTTI, J. I. R., CAMPOS, J. A mobilidade interestadual da população no Brasil no início do século XXI: mudança no padrão migratório? In: *Textos para Discussão* (série online de publicações do CEDEPLAR), CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte, 2012.

CARVALHO, J.A.M. et al. Dados de migração de última etapa e data fixa do Censo Demográfico Brasileiro de 1991: uma análise de consistência. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.17, n.1/2, jan./dez. 2000.

CONSTANT, Amelie; MASSEY, Douglas S. Return Migration by German Guestworkers: Neoclassical versus New Economic Theories. *International Migration*, v. 40, n. 4, 2002, p. 5-38.

CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. *Bahia Análise & Dados*, Salvador – BA/SEI, v.10, n.4, p.79-106, mar. 2001.

CUNHA, J.M. *A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004*. Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”. 30 de Abril 2007, Brasília, Brasil.

DE HAAS, H.. *Migration transitions: a theoretical and empirical inquiry into the developmental drivers of international migration*. Working Papers Series,24, 2010.

FAZITO, D. *Dois aspectos fundamentais do “retorno”*: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2005, 16p.

FRANCO, G.B. et al. Aspectos demográficos e socioeconômicos dos municípios inseridos na Bacia do Rio Almada – BA: os reflexos da crise cacaueteira. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia v. 17, n. 60 Dezembro/2016 p. 16–30.

GARCIA, R., MIRANDA-RIBEIRO, A. Movimentos migratórios em Minas Gerais: efeitos diretos e indiretos da migração de retorno, 1970/1980, 1981/1991 e 1990/2000. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 22(1), p. 159-175, 2005.

HARRIS, J. R; TODARO, M. P. Migration, unemployment, and development: A two-sector analysis. *American Economic Review*, 60: 126-142, 1970.

HUNTER, A. Theory and practice of return migration at retirement: the case of migrant worker hostel residents in France. *Population, Space and Place*, v. 17, n. 2, 2011, p. 179-192.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Microdados do Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Microdados do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2010.

LEWIS, W. A. Economic development with unlimited supplies of labor. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, 22: 139-191, 1954.

NORONHA, M. T. R. *Distribuição regional da indústria baiana: a configuração atual de suas regiões econômicas*. Monografia, Universidade Federal da Bahia. Ano de obtenção:2006.

OLIVEIRA, K.F. *Dinâmica migratória em Sergipe: uma abordagem a partir de alguns fatores estruturais*. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, K.F., JANNUZZI, P.M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo em Perspectiva*. v.19, n.4, p.134-143, out./dez., 2005.

QUEIROZ, S.N. *Migrações, Retorno e Seletividade no Mercado de Trabalho Cearense*, 2003. 251 p. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas.

RANIS, G.; FEI, J.C.H. A theory of economic development. *American Economic Review*, 51: 533-565, 1961.

RIBEIRO, J. T. L. *Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991*. 1997, 206

p. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, 13 (número especial): 7-32, jan, 2000.

SIQUEIRA, L.B.O; MAGALHÃES, A.M e SILVEIRA NETO, R. M. Uma análise de migração de Retorno no Brasil: Perfil do migrante de Retorno, a Partir do Censo de 2000. In: *XI Encontro Regional de Economia*, 2006, Fortaleza. Anais...2006.

SJAASTAD, L. A. The costs and returns of human migration. *Journal of Political Economy*, 70S: 80-93, 1962.

STARK, O. *The Migration of Labor*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

STARK, O.; GALOR O. Migrants' Savings, the Probability of Return Migration and Migrants' Performance. *International Economic Review*, v. 31, n. 2, 1990, p. 463-467.

TAYLOR, J. Edward (ed.). *Development Strategy, Employment and Migration: Insights from Models*. Paris: OECD Development Centre, 1996.

TODARO, Michael P. A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. *The American Economic Review*, v. 59, n. 1, 1969, p. 138-148.

TODARO, Michael P. *Economic Development in the Third World*. New York: Longman, 1989.

TODARO, Michael P. *Internal Migration in Developing Countries*. Geneva: International Labor Office, 1976.

TODARO, Michael P; Maruszko, I. Illegal migration and US immigration reform: A conceptual framework. *Population and Development Review*, 13: 101-114, 1987.

ERRATA

- Na *Capa* da revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018:

Onde se lia:

“Janeiro - Junho de 2018 vol. 26 - nº 1 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- Na *Ficha catalográfica* da revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018:

Onde se lia:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 26 nº 1 (Jan-Jun) 2018 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2018”

Leia-se:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 14 nº 1 (Jan-Jun) 2018 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2018”

- No artigo *Caracterização espacial da migração de retorno ao Nordeste: uma análise dos fluxos migratórios intermunicipais nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010*, de autoria de Járvis Campos, Cristiano Sathler dos Reis e Douglas Sathler Reis, publicado na revista Geografias v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos*, de autoria de Leonardo Luiz Silveira da Silva e Alfredo Costa, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Análise de redes sociais, capital social e aprendizagem escolar caso de Natal - RN*, de autoria de Wilmara Martins da Costa, Weber Soares, Moisés Alberto Calle Aguirre e Dimitri Fazito, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Análise de áreas suscetíveis a escorregamentos na bacia de drenagem de Fradinhos, Vitória/ES, frente ao Plano Diretor Urbano e uso e cobertura da terra*, de autoria de Julia Frederica Effgen, Jeniffer Oliveira Nepomuceno do Couto e Eberval Marchioro, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Comparação entre métodos de preenchimento de falhas em séries de dados meteorológicos da bacia hidrográfica do Rio das Velhas (MG)*, de autoria de Lilian Aline Machado Wellington Lopes Assis, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Classificação de dados geográficos e representação cartográfica discussões metodológicas*, de autoria de Paulo Fernando Braga Carvalho, publicado na revista Geografias Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Classificação de dados geográficos e representação cartográfica: discussões metodológicas*, de autoria de Paulo Fernando Braga Carvalho, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Classificação de dados geográficos e representação cartográfica discussões metodológicas*, de autoria de Paulo Fernando Braga Carvalho, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Análise da distribuição de injeção de plumas de queimadas na atmosfera na América do Sul*, de autoria de Gustavo Domingos Zanin, Francielle da Silva Cardozo, Gabriel André Mendes Oliveira, Gabriel Pereira Pereira, Leonardo Cristian Rocha, Múcio do Amaral Figueiredo Figueiredo, Paulo Ricardo Rufino, Shayene Bernardo Dutra e Viviane Valéria da Silva, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No artigo *Análise da suscetibilidade da vegetação a incêndios florestais no estado de Minas Gerais*, de autoria de Viviane Valéria da Silva, Francielle da Silva Cardozo, Gabriel Pereira, Gustavo Domingos Zanin, Julio Cezar Costa, Leonardo Cristian Rocha, Múcio do Amaral Figueiredo, Paulo Ricardo Rufino, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas

com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”

- No documento *Teses e Dissertações defendidas no Programa de Pós - Graduação em Geografia*, publicado na revista *Geografias*, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018, em todas as páginas com legendas bibliográficas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v. 26 n. 1 (2018)”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2018”